

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



O PERCURSO DO TRABALHO: CONCEITUAÇÕES HISTÓRICAS UMA ANÁLISE SOBRE A QUESTÃO NO AMAZONAS

Deilson do Carmo Trindade¹ and
Jucimara Carvalho da Silva²

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM – RH/interiorização; Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.

²Bacharelanda em Serviço Social pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.



ABSTRACT

This paper intends to make a brief overview about the work with its historic route from the conceptual changes in the West. Trying to show how the theme is present in the social environment being inherent in man, especially the Amazon. First we will present the work of the ancient Greek notion, shown his disgust and contempt him it was deemed unworthy citizens and inherent only to slaves. In Hebrew society work was considered the atonement of sins though there is a reframing beyond the scourge of the soul. Christianity and its variations also conceptualized the work; St. Augustine makes a reliever speech stating that the work can not be considered a curse; already in the Middle Ages it was unworthy of the nobility and a form of penance for sinners; Luther claimed that the work was part of the world and considered a way to serve God; for Calvin worker was the most Godlike, thus sanctifying work. Weber highlights the role of Protestants in appreciation of the work. Marx claimed that the result of the work carried externalization and objectification of the worker. The distinction between work and labor is presented in Hannah Arendt and Iraildes Torres presents the work in the Amazon from the concept of worlds of work.

KEYWORDS: work; conceptualization; Amazon.

1-INTRODUÇÃO

O trabalho é uma realidade tão antiga quanto à própria humanidade tendo o homem necessitado deste para sobreviver. Entretanto, mesmo sendo uma atividade universalizada, a reprodução que cada povo faz sobre o trabalho tem variado de acordo com as épocas e culturas, mostrado dessa forma sua longa trajetória de representação até a concepção moderna que hoje conhecemos. E seu alcance é tão aparente quanto no passado, evidenciando sua importância na sociedade em todos os tempos. Procuramos num primeiro momento apresentar a noção de trabalho com seus múltiplos desdobramentos pela história, trazendo também algumas conceituações vigentes desde a modernidade para então expormos a noção de trabalho na Amazônia.

2-O PERCURSO HISTÓRICO DO TRABALHO NO MUNDO ANTIGO

Na Grécia antiga o trabalho foi pensado a partir da constituição da sociedade, as primeiras citações são encontradas em Homero quando em suas poesias podemos encontrar metáforas relacionadas ao trabalho e de certa forma ao convívio social. Os gregos antigos acreditavam que “o trabalho embrutecia o espírito, tornava o homem incapaz para a prática da virtude” (MILLS 1969, p.233), entretanto, necessário para a manutenção da sociedade e por isso executado por escravos.

Encontramos também referências expressas na obra de Hesíodo, Os trabalhos e os dias, e em outras obras poéticas do período arcaico (800-500 a.C.), que evoluíram durante o século V e IV a.C. até chegarmos à Política de Platão. Permitindo discernir o traçado das delimitações filosóficas referente ao mundo do trabalho grego. Mesmo não havendo entre eles uma preocupação especial que pudesse suscitar a elaboração de uma teoria.

Para os hebreus o trabalho era visto como a expiação dos pecados, no qual o homem estava condenado a uma labuta penosa. O rabinismólogo tratou de ressignificar a questão asseverando ser o trabalho uma utilidade da vida, reconhecendo bem mais que o flagelo da alma, mas um exercício para alcançarmos o ócio abençoado de Deus.

No princípio da cristandade o trabalho era visto como a punição do pecado, a maldição divina anunciada na Bíblia no livro de Gênesis, herança aos homens da desobediência de Adão. E por ser uma atividade terrena, não era digno em si. Entretanto poderia servir a outros fins, podendo até contribuir para o afastamento dos maus pensamentos advindos do ócio daqueles que foram condenados à maldição do trabalho.

Santo Agostinho, filósofo da Igreja na antiguidade, faz um discurso apaziguador ao pregar que o trabalho não podia ser visto como uma maldição advinda pelo pecado de Adão – pensamento da tradição cristã que como já vimos, prevaleceu principalmente na Idade Média – mas como uma atribuição comum que não deve haver distinção, pois seja a atividade intelectual quanto a braçal requerem esforços e devem ser executadas com alegria, pois segundo ele a partir da Bíblia, Deus fez o homem para o trabalho.

3-DO MEDIEVAL A ERA MODERNA: AS VÁRIAS FORMAS DE PENSAR O TRABALHO

Na Idade Medieval e sua sociedade tripartida onde “uns rezam, outros combatem e outros trabalham” (FRANCO Jr, 1999, p.72) o trabalho manual foi considerado indigno à nobreza e a Igreja. Sentenciado por Deus como penitência aos homens pecadores – neste caso o pobre camponês – por conta do pecado original, foram obrigados a trabalharem para buscar sustento com o “suor do rosto” (Gênesis 3,19), e assim penitenciarem suas faltas.

Em contrapartida, Lutero afirmava que o trabalho fazia parte da adequação do mundo criado por Deus, mesmo também afirmando que era uma consequência do pecado de Adão. Para ele, o trabalho também era “a base e a chave da vida” (Mills, 1969, p. 234). Deus organizou o mundo pondo o trabalho ao lado da família, do Estado e da Igreja como elementos de ordenação divina. E trabalhar é um modo de servir a Deus. A partir daí a profissão passa ser entendida como vocação e o trabalho o caminho da salvação.

A santificação do trabalho virá com João Calvino ao afirmar que de todas as coisas existentes no mundo, o trabalhador é o mais semelhante a Deus. O homem que trabalha está predestinado a pertencer ao número dos eleitos “é a vontade de Deus que todos trabalhem, mas é contrário a vontade de Deus que os homens cobicem até mesmo os frutos de seu trabalho; eles devem ser reinvestidos para permitir e incentivar mais trabalho” (Mills, 1969, p. 234). Não é mais a contemplação e sim o trabalho obstinado que irá aliviar os pecados e aproximar o homem de Deus.

A relação entre religião e capitalismo chamou a atenção de Weber (1996), ao verificar que os protestantes estavam mais inseridos no comércio que os católicos. Seja na condição de empregado qualificado ou como beneficiários dos lucros obtidos. Para ele, a crença religiosa tem um papel preponderante que diferencia católicos em relação aos protestantes, e dentre estes o calvinismo foi quem melhor representou a “essência da economia capitalista” (WEBER, 1996, p. 25). Contrário ao catolicismo que recusava os prazeres materiais para que o espírito se mantivesse fortalecido em Deus, o protestantismo foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo.

A valorização do modo e do trabalho pelo protestantismo engrenou-se com as concepções capitalistas nascentes. Entretanto no renascimento houve outra forma de interpretação do trabalho que era vista como um estímulo e não um obstáculo para o desenvolvimento humano. Por ele o homem podia realizar qualquer coisa, pelo trabalho deixava de ser criatura para agora se tornar o criador.

4-O TRABALHO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE PARA A SOCIOLOGIA

O conceito ocidental de trabalho vem se modificando em muitos momentos. Engels distinguiu o homem do macaco a partir do ato de trabalhar ao afirmar que o trabalho é “condição básica e fundamental de toda a vida humana”, e que “o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, s.d., p. 269), pois o trabalho e a fala articulada “foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano” (ENGELS, s.d., p. 272), determinante para que o homem se desenvolvesse.

O trabalho teve lugar importante também no pensamento de Marx, “embora o sentido dessa noção mude, ela nunca é abandonada e conserva seu lugar central em O capital” (SPUK, 2005, p. 193), pois para ele, os homens são dominados por abstrações surgidas a partir do ato de trabalhar e produzir, também faz crítica a alienação que produz a desumanização do homem que “torna-se um apêndice das coisas que ele mesmo e seus pares produziram” (Ibidem. p.195), ficando o trabalhador exteriorizado e objetivado no fruto de seu trabalho.

Encontramos em Marx uma reflexão a cerca do advento da propriedade privada, contida na separação do trabalho, do capital e da renda, e seu caráter alienante presente no modo de produção capitalista, pois “agora temos, portanto, de conceber a interconexão essencial entre propriedade privada, a ganância, a separação de trabalho, capital e propriedade da terra, de troca e concorrência de valor e desvalorização do homem” (MARX, 2004, pag. 80). A apropriação do trabalho em suma não se dá pelo trabalhador, mas por outrem, é na divergência e na fragmentação que Marx enfatiza sua reflexão.

Hannah Arendt (1999) elabora uma categorização onde distingue os conceitos sobre o labor e o trabalho. Sendo que o labor deve ser observado a partir de um olhar que não mire somente da segurança da sobrevivência, mas que também garanta a continuidade da espécie. É o processo biológico do corpo. Já o trabalho é artificialismo da existência humana, pois produz um mundo ‘artificial’ de coisas, diferente de qualquer ambiente natural.

A sociologia do trabalho desde o seu princípio tem se dedicado a esta temática em diversas perspectivas e concepções, mostrando sua importância para a compreensão da sociedade e suas mudanças, dessa maneira esta sociologia tem “buscado dar conta das transformações quantitativas e qualitativas por que passa o mundo do trabalho” (SANTANA e RAMALHO, 2010 p.12), e muitos debates sociológicos giram em torno do lugar do trabalhador e sua qualificação, que para Bava Jr. (2000), também passa pela valorização financeira, cultural e até política.

Hoje a sociologia volta seu olhar para as relações sociais de produção, onde o trabalho é visto como ponto de partida para se entender as mudanças que ocorrem no Brasil, e que por consequência, exige novas abordagens que acompanhem de maneira eficaz essas transformações, desafiando o cenário metodológico ao criar novos olhares e novas possibilidades de se abordar a questão do trabalho.

5-ANTROPOLOGIA E O INTERESSE PELA QUESTÃO DO TRABALHO NO BRASIL

Modificações ocorridas nas sociedades capitalistas no século XX chamaram a atenção não somente das lentes sociológicas, o olhar antropológico favoreceu a releitura descentralizada, fazendo emergir novos questionamentos que ampliou o seu campo de investigação ultrapassando os limites de classe operária.

O estudo sobre o trabalho foi por um longo período campo quase exclusivo dos sociólogos. Nem sempre configurando como tema central de investigação, pois em muitos casos, esteve interrelacionado com a vida econômica ou social de grupos específicos, geralmente subdividido em pré-capitalistas e capitalistas, tendo como referência a revolução industrial inglesa.

A antropologia brasileira por muito tempo teve seus olhos voltados para grupos indígenas, preferencialmente isolados, e posteriormente para questões urbanas de sociedades tidas como complexas onde se integram grupos de trabalhadores industriais. Também voltou sua visão para o campo – para o estudo de

proletarização do campesinato – com um olhar diferenciado da sociologia industrial do trabalho.

Autores como Mauss, Lévi-Strauss e Evans-Pritchard tiveram suas obras apropriadas no Brasil para referenciar o contexto fabril, pois o que havia disponível na literatura brasileira para se tratar a questão do trabalho de forma antropológica naquele momento ainda era incipiente. Havendo uma urgência em se abordar o tema, pois o século XX consolidou o capitalismo, e sua estrutura econômica nos revelava contradições culturais.

Centrada no local de produção fabril, estilo de investigação que dominou boa parte do século passado, pois é na divisão social do trabalho que seria possível produzir a solidariedade, dando sentido às ações dos trabalhadores, pois esta divisão “cria entre os homens todo um sistema de direito e deveres que os ligam uns aos outros de maneira duradoura” (DURKEIM, 2010, p.429). Chegando a substituir a família, a religião, e o Estado como instituição de integração. E assim como na sociologia, estes elementos pode também constituir objetos de investigação da antropologia.

6-O INTERESSE DA HISTÓRIA PELA INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DO TRABALHO

A história do trabalho surgiu dentro dos movimentos operários com tendência de identificar a classe com movimento, organização, partido ou ideologia. Eric Hobsbawm (1987, p.23) afirma que são esses movimentos que valorizam sua própria história, passando a produzir uma “versão oficial da história” que emergiu de certa maneira independente do espaço acadêmico ocasionando um processo de discussão a partir da absolvição do tema pela academia.

Percebemos que o trabalho e temas relacionados a ele encontram-se constantemente em debate. Seja em respeito ao seu lugar, a falta dele, sua sobrecarga, suas múltiplas variedades ou as transformações que estão acontecendo em relação ao vínculo e a questão salarial, pois na modernidade nunca o homem pensou tanto na questão do trabalho. Seja na forma de observação do cotidiano, na prática ou na formulação de ideologia.

O neoliberalismo, surgido como resposta à crise pelo qual experimenta o capital juntamente com a reestruturação da produção e o acúmulo de bens, nos mostram que o trabalho tem sofrido graves consequências com as constantes mutações que em muitos casos incidem com o desemprego, precarização das condições de trabalho e degradação da relação do homem com o meio ambiente em favor da valorização do capital e da produção.

Em seus estudos sobre as múltiplas faces do ato de trabalhar, Leila Blass (2006), nos chama atenção para a reinvenção do trabalho que no conceito moderno está relacionado ao emprego assalariado. Entretanto, diz a autora, “buscar o significado do trabalho no aparente não-trabalho, associado às atividades de entretenimento e/ou às práticas de lazer; tornam visíveis as relações sociais que perpassam essas práticas” (BLASS, p.19). Assim, compreender o trabalho e sua significação, é indispensável para percebermos os sistemas de representações, visão de homem e de mundo, própria dos grupos que representam.

7-OS PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE O TRABALHO NO AMAZONAS

Repensar a noção de trabalho contida no imaginário moderno trazendo à luz da discussão o questionamento sobre o emprego assalariado leva-nos a ampliar os debates sobre as práticas sociais de trabalho que extravasam da questão do emprego ganhando novo indicador teórico, permitindo estudos sociológicos, antropológicos e históricos, buscando compreender o sentido de se trabalhar, verificando dessa forma a linguagem contida neste fazer e seus vários significados.

Os primeiros estudos sobre o trabalho no Amazonas aparecem nos anos de 1990, tendo como expoente a dissertação de mestrado de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, defendido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC em 1996 com o título: “A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)”, influenciado pelo pensamento de Thompson e Hobsbawm, observando a classe operária enquanto formação social e cultural.

De forma indireta encontramos referências ao trabalho no Amazonas anterior a pesquisa de Pinheiro, nas dissertações “A ilusão do Fasto. Manaus 1890-1920” e “Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890-1915)” de Ednéia Mascarenhas Dias e Maria Cecília Santiago

respectivamente. Vale ressaltar que com a implantação de cursos de pós-graduação na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, a temática se consolidou com a produção de dissertações e teses que discutem a questão.

Sendo o trabalho parte constante em nossa sociedade e com reflexões diversificadas que não se encerra em si, pois a pertinência da temática não impede de se preciso, desviarmos nossos olhares para as questões culturais, sociais e históricas. Demonstrando que estudar tal fenômeno a partir das ciências humanas não nos remete a singularidade da problemática, pelo contrário, nos estimula a descentralizarmos da visão imediata nos voltando também para a complexidade das possibilidades.

O interesse das ciências humanas e sociais pela Amazônia vem tornando-se mais frequente nos últimos quarenta anos e “esses estudos vem mostrando a importância de compreendermos o homem amazônico em suas relações com a sociedade e o ambiente natural, considerando-se que esses elementos regem a vida nesta constelação” (TORRES, 2005, p.17). E tal interesse tem contribuído para novas reflexões sobre o mundo do trabalho na região.

8- IRAILDES TORRES E A NOÇÃO DE TRABALHO NO AMAZONAS

No artigo Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia, de Iraildes Caldas Torres, publicado na revista Somanlu, a pesquisadora faz uma análise dessa noção a partir de fontes bibliográficas para traçar um perfil do trabalhador e do trabalho na região chamando a atenção para uma Amazônia diversificada tanto na questão ambiental quanto na questão sociocultural e também no trabalho local que para essa autora “não pode ser compreendido apenas pela lógica do capital” (TORRES, 2005, p.58), devido a várias formas peculiares existente na Amazônia que remontam a culturas tradicionais.

A multiplicidade cultural das populações tradicionais de uma região multifacetada também transparece no trabalho, e a maneira para compreendê-lo segundo a autora reside na perspectiva dos mundos do trabalho. Pois o trabalho pode residir na produção do pequeno produtor – muitas vezes para a sua subsistência – ao assalariamento no mercado formal ou informal das cidades. Transparecendo dessa forma as múltiplas possibilidades de compreensão do trabalho no Amazonas.

Para Torres (2000), o modo de organização do trabalho antes da chegada dos conquistadores era baseado no uso sustentável dos recursos naturais de acordo com os ciclos dos rios (sobretudo nas várzeas) e épocas dos anos, pois “os nativos conheciam bem o solo, a floresta, a fauna e a vazante dos rios, os períodos secos e chuvosos e os perigos que a floresta apresentava” (TORRES, 2000, p.58), além da divisão da produção que propiciava aos mesmos uma vida harmonizada e fartura que era concomitante com uma maior convivência em família e mais disponibilidade ao lazer.

Compreendemos que a concepção de trabalho para as populações tradicionais da Amazônia passa pela questão cultural uma vez em que há uma relação entre o homem e a terra sem supor que aquele seja o elemento central na organização dessas populações, “nota-se que o trabalho é um fator de efetivo inter-relacionamento com os elementos da natureza: terra, rios e floresta” (Idem, p.59). A natureza, estasm, é o elemento fundamental e concreto na vida das populações tradicionais.

Existe uma reverência a terra trabalhada, uma ligação intrínseca com a vida das populações tradicionais. É dela que deriva a esperança, a alegria, o júbilo. O agradecimento pelo roçado e a colheita com ritos festivos, que juntamente com a floresta, no qual seu usufruto é feito de maneira sustentável e alicerçado no imaginário local, que nos é mostrado uma vivência onde “a questão do trabalho é travejada por relações mais amplas que entrelaçam a vida na Amazônia” (Idem, p.59). O trabalho está contido no momento de interação entre o homem e a natureza, que por muitas vezes se mostra inóspita.

Torres (2000) chama a atenção para o fato de que o conceito de trabalho para a Amazônia assentado no modelo industrial é uma atividade relativamente nova e por isso não pode ser asseverado como preponderante, pois por muito tempo a região foi marcada pelo modelo extrativista. Principal fonte econômica da região até meados do século XX. Porém tanto este quanto aquele, a partir de estratégias das populações locais, fornece subsídios para o surgimento de diferentes modos de cultura e economia na região. Ou seja, as multifacetadas formas de trabalho no Amazonas acabaram por contribuir para a sobrevivência das populações locais.

A dificuldade de teorização para a compreensão do trabalho na Amazônia é outro fator destacado por Torres (2000), ao afirmar que esta dificuldade ocorre devido a “vinculação deste à concepção do trabalho assalariado formulada por uma determinada tendência da sociologia do trabalho, posto que encerra a perspectiva do trabalho ao âmbito empresarial, no campo monetário e mercantil” (Idem, p.60). Também expõem a desconsideração dos mundos do trabalho a partir de uma perspectiva linear da compreensão do trabalho. Por este motivo, esta compreensão não deve ser aplicada em algumas regiões da América Latina e do Brasil – como na Amazônia – onde não existe apenas um mundo do trabalho.

Outra questão apontada é falta de classificação para algumas categorias de ocupação como “mateiros, capinador/roçador, piaçabeiro, dentre muitas outras que não aparecem no cânone das tipificações ocupacionais” como bem exemplifica Torres (2000, p.60), afirmando que o problema não está em ser ou não ser uma categoria tipificada no estatuto das profissões do Brasil, mas em se perceber o ranço da exclusão e do preconceito social contido nestas atividades produtivas num país de pretensa homogeneização da sociedade. Os trabalhadores tipificados ou não, tem algo em comum, as experiências vividas a partir de suas práticas e de seu cotidiano. No entanto, “inexistem dados sobre os trabalhadores mateiros, aquele que vai a mata tirar paxiúba para fazer a sua casa, colher a palha, escolher a erva medicinal para a cura de uma determinada enfermidade” (Idem, p.60), não havendo a integração pela diferença, pois há o perigo da mesma em ameaçar a construção da identidade nacional. Para Torres (2000), a solução encontrada pelos integradores para este perigo foi por intermédio do discurso da cidadania, que diluiu as diferenças na formulação da consciência de igualdade civil. As diferenças agora pertencem ao domínio privado.

É fantasioso pensar a sociedade brasileira a partir de um imaginário de igualdade e unidade étnica, de classe ou região geográfica. Entretanto, naturalizou-se no país o discurso da homogeneização, sendo perigoso para a compreensão do trabalho, pois na Amazônia, onde a terra é determinante para o surgimento do poder local, “pode-se dizer que não é simplesmente o emprego que está em crise, mas o trabalho enquanto um direito de usufruto e exploração da terra e de suas riquezas naturais” (Idem, p.61), desencadeando um quadro de violência a partir das relações de poder.

Torres (2000) ressalva como imprescindível o reconhecimento do papel político desempenhado pelos trabalhadores da Amazônia em relação ao poder local. Principalmente no período áureo da borracha. Pois mesmo sendo poucos os movimentos que podem ser caracterizados como greve, ela lembra que vários foram os conflitos ocorridos entre trabalhadores e patrões nos seringais. E as marcas dessa oposição mesmo que passageiras por conta da brutalidade da repressão dos capangas dos patrões seringalistas podem ser vistas como uma tentativa de organização para o surgimento de uma “entidade de classe” voltada para o enfrentamento e resistência dos trabalhadores nos seringais.

Fica desmistificada a ideia de o trabalho pesado não ser inerente ao homem amazônico, preconceito surgido a partir da resistência dos povos nativos frente às tentativas dos colonizadores de os subjugarem ao trabalho servil e que resistiu ao tempo. A resistência reformulada como inaptidão com tendência a ociosidade foi uma maneira encontrada para justificar a malograda iniciativa de se implantar na região o modelo colonizador de trabalho a serviço da coroa portuguesa.

A dificuldade de compreender a composição do trabalho no Amazonas deriva da diversidade social, cultural e também ambiental que é característico na região e pode ser percebido nas várias formas de organização do trabalho que tem suas próprias lógicas que em muitos casos não cabem nos conceitos universalizados. Daí a necessidade de se pensar em mundo dos trabalhos para uma melhor compreensão das relações de trabalho na Amazônia.

9-REFERÊNCIAS

1. ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 9ªed.
2. BAVA Jr. Augusto Caccia. Introdução à sociologia do Trabalho. São Paulo: Editora Ática, 2000.
3. BLASS, Leila Maria da Silva (org.). Ato de trabalhar: imagens e representações. São Paulo: Annablume, 2006.
4. BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 2009. 68ªed.

5. DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 4ªed.
6. ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem [1876]. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, s.d., vol. II.
7. FRANCO Jr., Hilário. A idade média: o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999.
8. HOBBSBAWN, Eric. Mundo do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
9. MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
10. MILLS, Wright. O trabalho. In: A nova classe média (whiter collar). III parte. Cap. 10. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
11. PANORAMA. Foto principal. Disponível em: <<https://barcelosnanet.com/os-piaabeiros-do-rio-arac-barcelosam/>> acesso em: jun.2017.
12. SANTANA, Marco Aurélio; RAMALHO, José Ricardo. Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010. 3ªed.
13. SPURK, Jan. A noção de trabalho em Karl Marx. In: O trabalho na história do pensamento ocidental. Petrópolis: Vozes, 2005.
14. TORRES, Iraíldes Caldas. Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia. In: Somanlu: Revista de estudos amazônicos do programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 1. nº1. Manaus: Edua/Capes, 2000.
15. _____. As novas amazônidas. Manaus: EDUA, 2005.
16. WEBER, Marx. A ética protestante e o espírito capitalista. São Paulo: Pioneira, 1996. 11ªed.

RESUMO

Este texto pretende fazer uma breve abordagem acerca do trabalho com seu percurso histórico a partir das mudanças conceituais ocorridas no ocidente. Tentando mostrar como a temática está presente no meio social sendo inerente ao homem, em especial ao amazônico. Primeiramente apresentaremos a noção de trabalho dos antigos gregos, mostrando sua aversão e desprezo a ele que era considerado indigno aos cidadãos e inerente somente aos escravos. Na sociedade hebraica o trabalho era considerado a expiação dos pecados embora haja uma ressignificação para além do flagelo da alma. O cristianismo e suas vertentes também conceituaram o trabalho; Santo Agostinho faz um discurso apaziguador afirmando que o trabalho não pode ser considerado uma maldição; já na Idade Medieval ele era indigno da nobreza e uma forma de penitência aos pecadores; Lutero afirmava que o trabalho fazia parte do mundo e o considerava uma forma de servir a Deus; para Calvino o trabalhador era o mais semelhante a Deus, santificando assim o trabalho. Weber destaca o papel dos protestantes na valorização do trabalho. Marx afirmava que o fruto do trabalho trazia a exteriorização e a objetivação do trabalhador. A distinção entre trabalho e labor é apresentada em Hannah Arendt e Iraíldes Torres nos apresenta o trabalho na Amazônia a partir da conceituação de mundos do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Conceituação; Amazônia.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com